



DIEGO MENDES SOUSA

GRAVIDADE das
XANANAS



Um poeta não foge das próprias raízes. Diego Mendes Sousa prova isso em “Gravidade das Xananas”, livro no qual exprime a paixão pela terra natal, através do título ao se valer da referência de um arbusto de flores amarelas, cujo uso medicinal é típico do Piauí.

Na primeira parte da obra, “*Na lanugem da flor silvestre*”, o poeta Diego Mendes Sousa elaborou 18 poemas intitulados de “Ensinamentos”, versando cada qual sobre um tema relevante à literatura de todos os tempos como a Solidão, o Amor, a Morte, a Fortuna, a Miséria, entre outros. Nota-se neste grupo a incidência de uma poesia altamente metafórica em “*O rasgo da tristeza / é a véspera da dor*”, com jogos de palavras e paralelismos, vide “*Ó lembranças varridas! Ó lembranças exprimidas! Ó lembranças trazidas! nos mares dos metais! e algas e sais / do Amor / nos pertences / nas entranhas e / nas lágrimas*”, com a incidência de um vasto repertório de figuras de linguagem como prosopopeias, aliteraões e antíteses, como se lê em “*o tempo termina / na estação do medo*” em que há também um jogo rítmico entre vogais e consoantes, além de toda uma sensibilidade expressa por meio de poemas de alto grau lírico.

Paulo
Leonor Vitorino
Te

GRAVIDADE das
XANANAS

com a admiração e

Diz
Márcia
Fonseca
2019





DIEGO MENDES SOUZA

GRAVIDADE das
XANANAS

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj
EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório
REVISÃO: Altair Maria Sousa Marinho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M538g SOUSA, Diego Mendes. 1989 –.
Gravidade das Xananas / Diego Mendes Sousa – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2019.
62 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-475-4

1. Poesia I. Título.

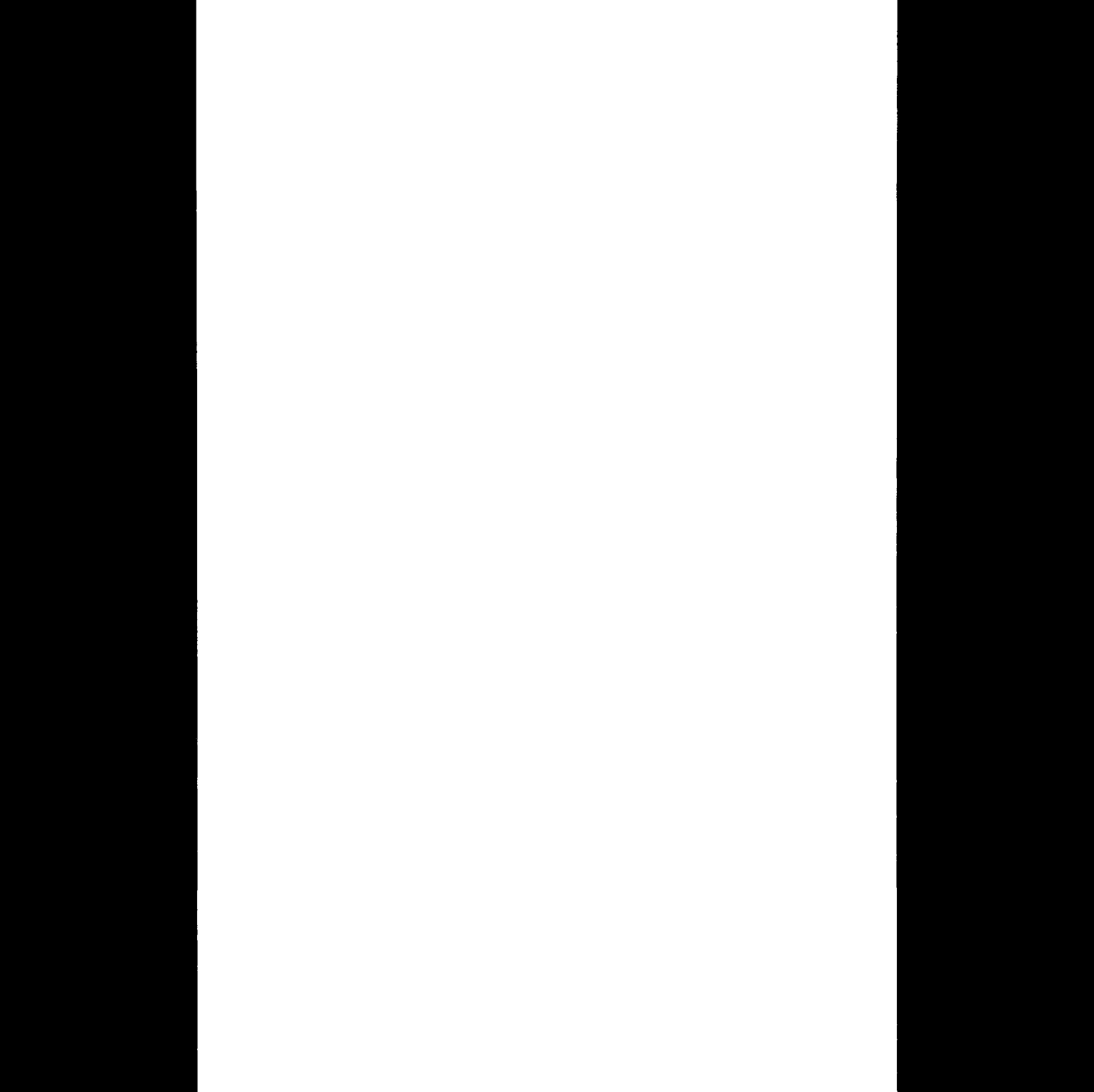
CDD: B869.93

Índice sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

*As paixões são os ventos que enfunam as velas
dos barcos, elas fazem-nos naufragar, por vezes,
mas sem elas, eles não poderiam singrar.*

Voltaire



*Para Altair,
esta dose de amor exótico.*



SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
OPUS I	13
ENSINAMENTOS SOBRE A SOLIDÃO.....	15
ENSINAMENTOS SOBRE A TRISTEZA.....	16
ENSINAMENTOS SOBRE A MISÉRIA.....	17
ENSINAMENTOS SOBRE A FELICIDADE	18
ENSINAMENTOS SOBRE A FORTUNA.....	20
ENSINAMENTOS SOBRE A JUVENTUDE	21
ENSINAMENTOS SOBRE A VELHICE.....	22
ENSINAMENTOS SOBRE A ESPERANÇA	24
ENSINAMENTOS SOBRE A VIDA.....	25
ENSINAMENTOS SOBRE O TEMPO.....	27
ENSINAMENTOS SOBRE A MORTE.....	29
ENSINAMENTOS SOBRE A MELANCOLIA	30
ENSINAMENTOS SOBRE A NOSTALGIA	32
ENSINAMENTOS SOBRE A SAUDADE.....	33
ENSINAMENTOS SOBRE A POESIA.....	34
ENSINAMENTOS SOBRE O POETA.....	36
ENSINAMENTOS SOBRE A DOR.....	37
ENSINAMENTOS SOBRE O AMOR.....	39
OPUS II	41
ESTAÇÃO DO TRAVO	43

PASSAMENTOS	44
MISS TRAJADA DE ACORDES.....	46
BRUMA-HIERÁTICA.....	48
AOS OLHOS DA SIBILA.....	49
O SUSTO.....	51
MÚSICA DA AGONIA.....	54
PREDICATIVO DOS DEUSES	56
POSFÁCIO	57

PREFÁCIO

De Mirian de Carvalho

Em “Gravidade das Xananas”, a partir do poema “Ensinamentos Sobre a Solidão” – emblemática abertura conduzindo aura de grande epígrafe –, **Diego Mendes Sousa** inicia percurso de visitação afetiva a acontecimentos do dia a dia,   terra natal e aos desígnios do cora o diante do inexorável na existência. Nessa caminhada de viajante da alma, em busca da plenitude e dos vazios causados pela passagem do tempo e pelas lonjuras, emerge extenso e enigmático cenário de acontecimentos enraizados nas expectativas humanas, que, no livro, compõem dois núcleos temáticos: *Na lanugem da flor silvestre* e *Messes selvagens da flor*.

Nos poemas reunidos em *Na lanugem da flor silvestre*, **Diego** apresenta seu livro de ensinamentos. Em verdade, de modo implícito, **Diego** apresenta um livro de aprendizados, que abarcam vários t picos – tristeza; velhice; juventude; amor; solidão; felicidade; melancolia; esperança. Entre muitos outros temas que se entrelaçam em *Na lanugem da flor silvestre*, o poeta inclui a morte, a vida e o tempo. E assim, entre evasão e promessas do tempo, ante as surpresas do cora o batendo ao fluxo do sentir, **Diego** prossegue e convida o leitor a visitar segredos aos ofícios das xananas, no segundo núcleo temático do livro: *Messes selvagens da flor*.

Em *Messes selvagens da flor*, ainda que não nomeados como ensinamentos, os poemas subsumem *pedagogia lírica* atrelada ao aprendizado da vida e subscrevem perguntas implícitas, que, através de outras imagens, se diversificam e

retomam, sob vários aspectos, temáticas abordadas na primeira parte do livro. Ao curso da leitura, crescente trama envolve e entrelaça ensinamento e aprendizado e, assim, a gravidade dessas flores surpreende o olhar e a pele do leitor, ou melhor, o corpo inteiro, a vivenciar através dos poemas experiências do tempo da vida. Experiências da vida diante do tempo. E diante da morte.

Embora os poemas reunidos no livro tangenciem o lado trágico do existir, pressente-se que as xananas resistem. Não se entregam. Nascem. Renascem. Amam. As xananas amam ao ritmo da vida, que se faz substrato dos versos de *Diego*, entre o drama e os limites da finitude e da infinitude. E, desafiando esse drama e esses limites, nessas amoráveis xananas sobrevive certo espírito insuflado por Eros:

(...)

onde as xananas são corpos,
onde a fêmea é a xanana,
onde o isolamento é potestade
e o macho é outra xanana.

Ah, xananas mundanas!
recolhidas nas manhãs.

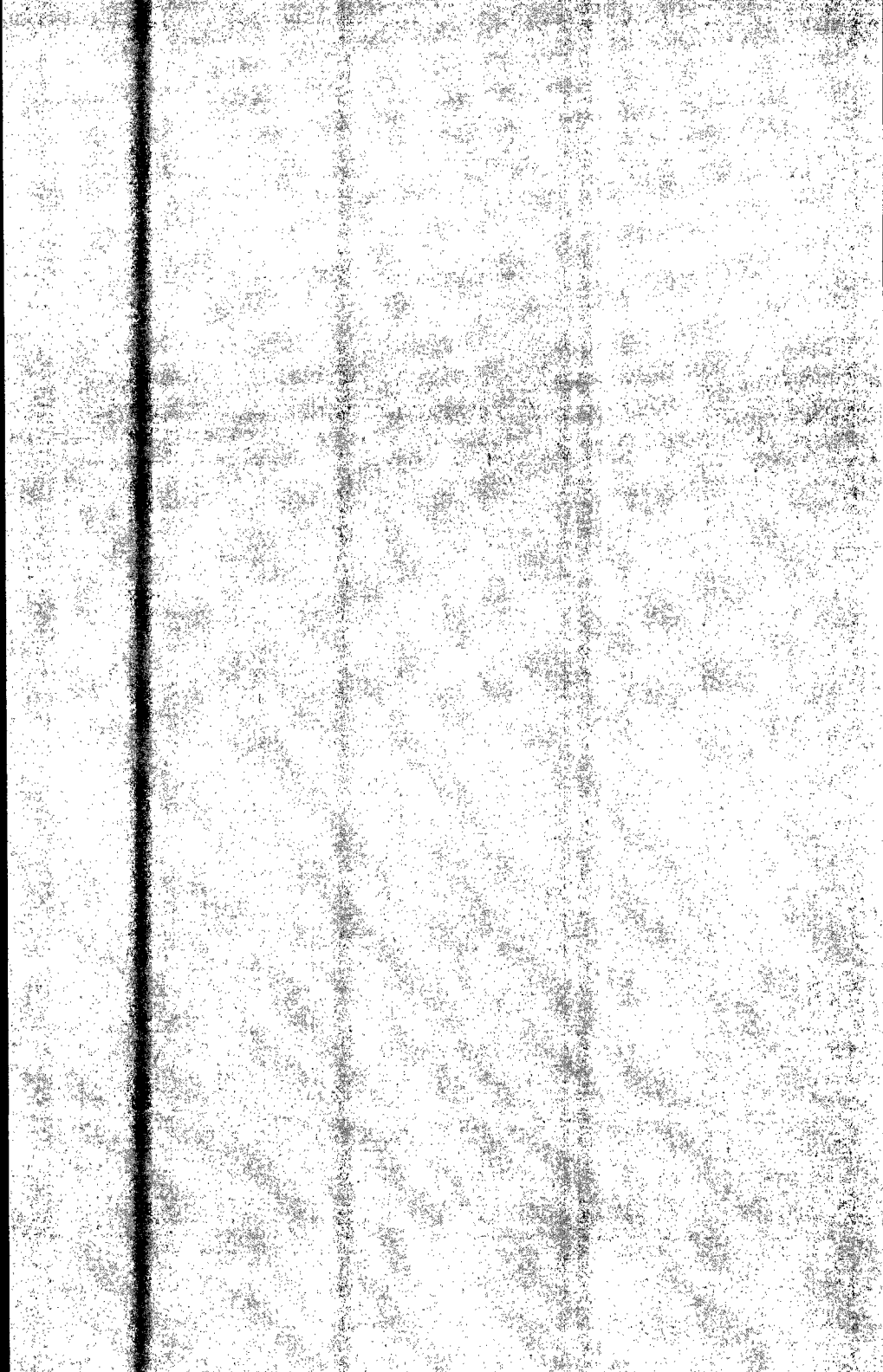
E, seguindo destino que as cerca de gravidade e leveza, as xananas da Parnaíba saem mundo afora, espalhando sementes de poesia ante a calma conturbada gravidade da existência, que se anuncia esperançosa nas manhãs dessas flores abertas ao mundo.

Mirian de Carvalho, poeta fluminense.



OPUS I

Na lanugem
da flor
silvestre



ENSINAMENTOS SOBRE A SOLIDÃO

Toda xanana tem compostura,
breve atrativo de seriedade,
que gravita no coração da terra
na força suave da claridade
de um raio talhadiço e baixo
e detrás da simplicidade
desse mato litorâneo,
pós chuvas nervosas,
existe a solidão mais grave
que os nevoeiros de Londres
que o sol a pino na Parnaíba,
onde as xananas são corpos,
onde a fêmea é a xanana,
onde o isolamento é potestade
e o macho é outra xanana.

Ah, xananas mundanas!
recolhidas nas manhãs.

ENSINAMENTOS SOBRE A TRISTEZA

O rasgo da tristeza
é a véspera
da dor.

O risco do amor:
antevéspera
à dor.

ENSINAMENTOS SOBRE A MISÉRIA

Há palavras que doem
no fundo da nossa
fome indigesta

é a miséria
sobre o dorso
da alma
afrita:
a solidão
intempestiva,
em nós,
sobretudo,
na vastidão,
grita.

ENSINAMENTOS SOBRE A FELICIDADE

Ó lembranças varridas
Ó lembranças exprimidas
Ó lembranças trazidas
nos mares dos metais
e algas e sais
do Amor
nos pertences
nas entranhas e
nas lástimas

essa saudade
desmensurada
essa presença
essa felicidade
essa tristeza
agredida
no estranhamento
arrefecido
desta hora
enfurecida
nas lembranças
maternas!

e quanto se era feliz
nas distâncias
do tempo,
essa infância
de espelhos
que não mais
revela

ENSINAMENTOS SOBRE A FORTUNA

Os ouros aparecem
inesperados
para grande fortuna
recebida, ó glória,
das mãos atávicas!

Careço de tudo,
inclusive,
do meu nada,
no horizonte
desenfreado
desse Mundo
de mágoas!

ENSINAMENTOS SOBRE A JUVENTUDE

Jovens corações
que se assomam
na manhã.

Xananas de olhos
traquinas
que se assombram
antes
da antemanhã.

ENSINAMENTOS SOBRE A VELHICE

Saber que o tempo termina
na estação do medo
e que os fantasmas de outrora
estão a levantar as cinzas
do que somos:

a velhice,
a poeira sábia
do chão
enverdecido
por galhos
floridos
de xananas,
é filão colhido
na face repetida
dos filhos
ou dos netos,
outros verões,
a amanhecer:
e o velho
está
para
enxergar
Deus

na sonora
dimensão
alada –
rogando ao Pai
a tal sentença –
paraíso, parainferno,
absolvido e condenado,
anjos da predileção!

Oh, o tempo termina
para tantas memórias
e outras tantas memórias
no porão esquecidas.

ENSINAMENTOS SOBRE A ESPERANÇA

Espera
que se
devassa
de luz:

sobrevivência
que se anuncia
à luz.

ENSINAMENTOS SOBRE A VIDA

Posso te revelar
que a vida é um holerite,
ou mesmo uma crase,
sob a vista turva da dor.

Mas creio
que não
será preciso!

A vida,
por si,
e assombrosamente,
castiga.

E desde que ainda
vivamos da luz e
do olhar submerso
em Deus –

A neblina,
na noite escura
da nossa íntima
e triste solidão,
é aterradora
de sombras

E o coração,
essa miséria
angular
nas cordas
do obscuro

– grades de tempos
e séculos
que suportam
a rota elegante
da metafísica –

é o céu que se abisma
ao homem e ao seu destino,
ao vivo em seu encanto e
ao morto em seu desespero:

Sonolência apinhada de sonhos,
sempre, a vida, ensina.

ENSINAMENTOS SOBRE O TEMPO

Da vida, ilusão de águas amargas,
espero ser o arauto
sem cornetas e
sem miríficas vestes,
sem cavalos ou espadas,
sem armadilhas e defesas.

Apreendo, sim,
seguro talvez do infinito,
o Belo –
a eternidade da música
no Tempo
sob os meus castelos
reconstruídos
de olvido,
na pobreza mais preciosa
e na loucura mais lúcida
de poeta:

Agora vejo,
somos todos
aprendizes
da infância,
que está

perdida
nas reminiscências
sofridas
da inocência
rediviva:

era tarde, na tarde
do menino, era noite
de novo.

ENSINAMENTOS SOBRE A MORTE

Ó Alma,

atendemos
ao chamado
afoito Dele.

É hora passageira
para o espanto nosso.

Ó Pai,
temo a mais próxima escolha
dos espíritos soberanos
do Teu reino escondido –
 viagem de mil procelas
e nenhuma certeza –
porque sou pedra viva
nessa muralha divagada
de dores

E não sei se ressuscito
na encruzilhada diáfana
do eterno

ENSINAMENTOS SOBRE A MELANCOLIA

Não podemos mitigar
nossas almas
às favas do eterno.

Devemos entardecer
no uno, no elo
entre as divindades
e as trevas escondidas
no tempo.

Devemos permanecer
clareza nas medidas
escuras das lembranças
e das memórias
para que sejamos
amanhecidos
na abundância
das tristezas,
horizontes despertos
ao acordarmos
à deriva, na tarde,
de olhos nostálgicos
e agora envelhecidos:
outras paisagens

a adornar o mistério
da luz
para que
não fadamos
o nosso destino
à bela sombra
da essência aflita.

E ainda habitamos
os deuses
nesta escuridão
que finaliza
o alarde da dor –
corcel foragido
de segredos:

folhagem
que se estanca
no vento

congelamento
que se retrata
no esquecimento
da miragem.

Ó melancolia!
Ó xananas
no descampado
de dezembro,
às onze horas!

Estamos aqui.

ENSINAMENTOS SOBRE A NOSTALGIA

Enquanto a saudade é a profusão,
o abatimento da travessia sem rumo,

a nostalgia,
é o princípio do canto à passarinhos
no matinal retiro dos sonhos.

E essa música do eviterno
na monotonia acelerada
dos nossos passados
ninhos de amor
são asas cinzentas
de melancolia
e de dor.

ENSINAMENTOS SOBRE A SAUDADE

Calada, na profundidade das tormentas,
a saudade,
pavio aceso no firmamento
dos barulhos inaudíveis
da alma,
jorra-se explosiva no tempo.

ENSINAMENTOS SOBRE A POESIA

Prescrito no tempo
longe da eternidade reservada

Não serei poeta popular
porque tenho as hélices
extremamente pesadas
não somente
pela volúpia vocabular
mas também
pelas temáticas
sazonais
– tristeza melancolia
memória saudade
nostalgia
morte e medo
destino sem destino
cousas abalizadas
nos desesperos
interiores
– de foro íntimo
(transparência anímica)
ávido sempre
no gosto de um sol
mal posto nas sombras

Não serei poeta popular,
Ó meu sábio amigo
Carlos Nejar!

ENSINAMENTOS SOBRE O POETA

Quando tenho saudades do mar
conchas ao ouvido!
(– marulho de todos os dias
estendido ao peito
na imensidão dos azuis
imemoriais)

Homero!

Céu, outro mar,
nas águas solitárias
da infância,
os tempos proustianos,
a busca desenfreada
do tempo perdido,
de outras memórias
nos velhos poetas gregos,
nos amados escribas latinos,
– sonata de um naufrágio,
os poemas no abismo.

ENSINAMENTOS SOBRE A DOR

Outros incêndios estão postos no Amor
A paixão, por exemplo,
a febre enlouquecida de saudade,
é o breve futuro inaugurado
dos olhos ainda acesos –
Altair,
há fumaças há incensos
nos teus perfumes de fêmea,
no fogo e na dor

E outros incêndios estão nítidos na paixão
O relâmpago, por exemplo,
nunca deixa de ser o clarão,
a imagem, a fotografia, o espanto -
e o coração,
esse constante renovar de lampejos –
Altair,
há luzes há raios
nos teus reflexos de fêmea,
na pele
e na flor, o fruto misterioso
da perplexidade, a dor

Outros incêndios estão furiosos no relâmpago
O mar, por exemplo,
é uma força de enigmas,
abarcadura na areia, leveza de ondas,

además,
não deixa o cais das esperas
de ser o eterno mar:
águas, rios, chuvas –
o verde marinho, o azul infindo,
muralhas transbordadas de cor,
o oceano da visão perdida –
Altair,
há alegrias há pássaros
no teu colo ligeiro de fêmea
enquanto, na minha alma,
residem as tormentas,
a explosão, a tristeza,
talvez, sobretudo, repentinamente,
a fuga –
a morte atravessada de vida!
a nobreza da dor
E outros incêndios estão glorificados na dor,
elegia que adia os ensinamentos
de Salomão, de Cristo e de Rilke
roupagem de sonhos, vejo Deus!
e Altair – aquela estrela na noite,
a friagem da lua, a madrugada de neblinas,
as folhas agredidas nos corredores da casa,
a gravidade das xananas,
o barulho do vento nos poemas,
a solidão dos cães vadios, os morcegos de sangue,
as corujas de altos voos, os grilos
(o meu grito)
as mortalhas sobre os dias,
tudo isso eu sou
e caminho agora absoluto,
nos meus próprios incêndios,
sim –
A fago miserável da dor!

ENSINAMENTOS SOBRE O AMOR

Se o Tempo não fosse o turbilhão das lembranças,
não haveria a saudade na fragilidade das
almas – machucada por memórias.

Se o Tempo não fosse o desespero das horas,
de revoltado medo,
não haveria a solidão na fuga desenfreada:
o espelho, o complexo do ego, o terror denegrido!

Acontece que o Tempo é um trem absoluto,
com seus trilhos cravados no imprevisível
cuja estação é o desgraçado destino:
o primeiro apito da inocência divina, feito castigo,
reminiscência do sonho original:

Ah Altair, enlaçaste o coração no desejo e eu,
macho na voracidade tremenda do mundo,
enfrento os monstros da existência, a galope,
com a espada travada ferozmente no peito
e sob a mão direita, apenas as palavras.

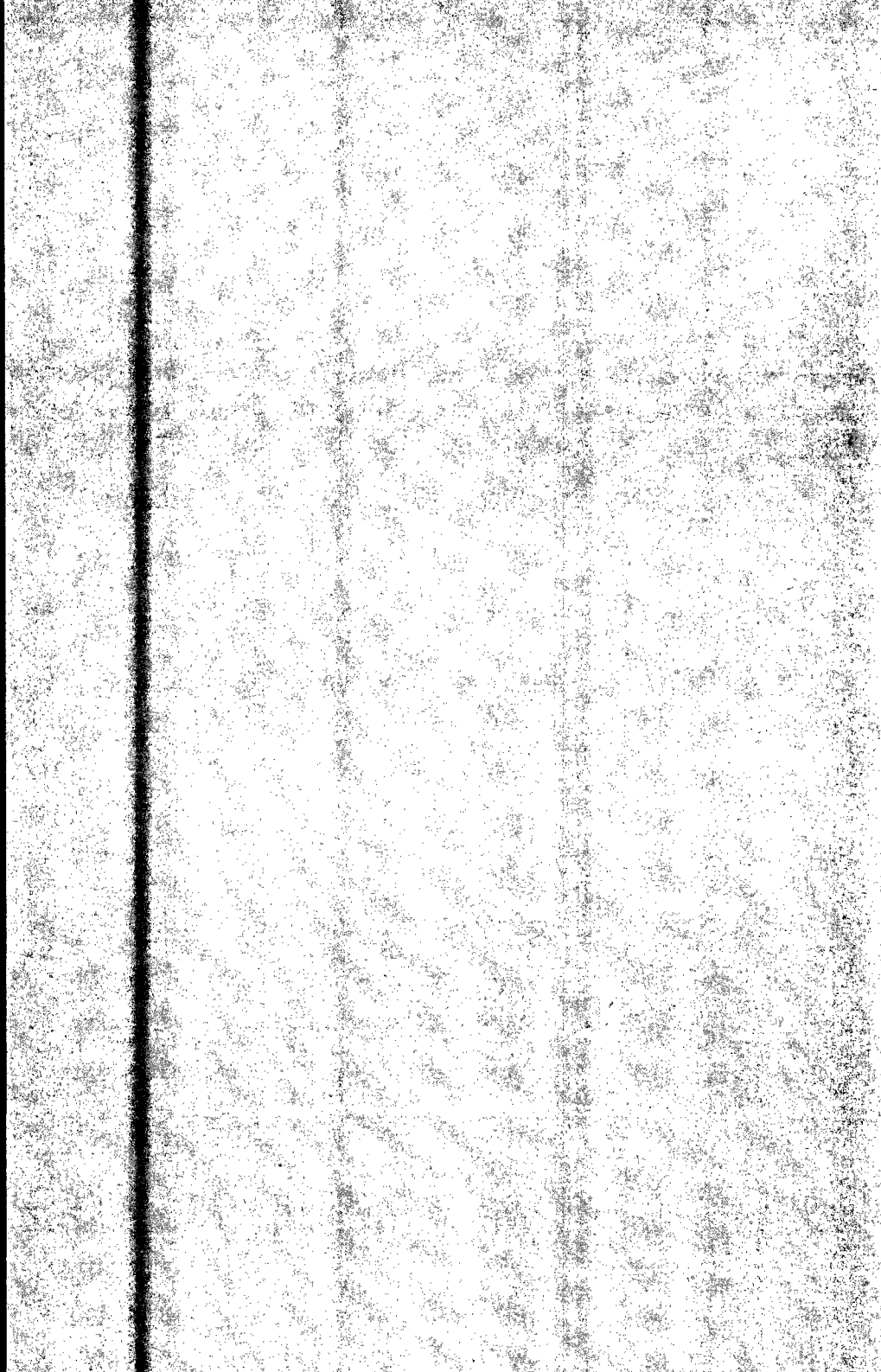
Quis ser o herói dos homens, a poesia foi montaria,
entanto, o implacável é herdeiro do sono do Amor:
Só Deus, para salvaguardar nós todos

do ilusório abastecido de dor:
o domingo que dorme no amanhã,
com seus mares agitados,
nas procelas infinitas, velas ao vento,
poeta, na atoarda dos tristes.



OPUS II

Messes
selvagens
da flor



ESTAÇÃO DO TRAVO

É outono
e uma boa manhã para morrer
sem destino
quando as folhas
impelem sem vida
outras realidades amargas

Esse travo imenso
de vontade
(mar de sedes)
que impede o choro
(o agravo da saudade de memórias oceânicas)
no favo dos mistérios
– o rio que deságua infinito em mim,
estou a afogar-me nesta estação!

Que outra verdade
não seja conflito
sem verdade

É outono
(início de abril)
e a relatividade está seca
como todas as árvores no horizonte
– o canto mais claro de travos

As folhas absolutamente secas
nos mesmos medos atemporais!

PASSAMENTOS

Quisera eu ser pássaro
na inconstância
dos meus voos

– e na solidão azulada
dos céus distantes
samente renascem
as águas das chuvas
sonoras
(que por ora choram
sem alardes doloridos)
sob os nossos tempos eternos
negros e frios:
Ai meu deus!
Ser pássaro –
presságio
é o rastro primeiro
do desespero
E as tristezas desses cantares
são constantes e consentidas
e as asas perdidas
no túnel das lembranças
e o coração perdido
no cinzel das horas

E ser pássaro
é ser poeta –
viajor da geografia
planejada
da raiz humana

É também querer
ser mais nada
nesta vida foragida
acesa por abismos
horizontes e vagas:

pássaro, poeta
que sempre
me passará
no divino:
a própria luz,
liberdade,
mergulho no clarão,
fêmea,
pássara

MISS TRAJADA DE ACORDES

Ali está o morto e
a Morte
é apenas essa matéria unânime
de sentidos foragidos e despertos
cuja única fragilidade é a carne,
em desânimo.

O Fio transparente da luz
– periclitante!,
magia de velas ao relento,
é o morto e a sua alma
quando a sombra de Deus
é o alento e o descaminho
– ou mesmo o turbilhão
da última agonia
sob os ventos tardios,

sob o Amor virtuoso,
sem mais pássaros,
sem mais dias, sem mais Nada.

A Morte é o ultraje
do sentimento vívido
dos aires inconsultos da lembrança

(Ai também de uma Dor):
O coração no girassol das memórias
invictas
ao próprio Tempo:
O Trem do imponderado.

E no seio de fera da Morte
só quem morre
é quem nunca morreu:
E ainda nos embebedamos
dessa eternidade primitiva
que, é sim, a Morte
e a sua frialdade
extremamente azul.

O morto hoje é saudade
(palavra interrogativa e arrítmica)
rasgo ilimitado nos céus:
acorde de rasgão de anjos
ave de plumas: música
penacho absoluto do Belo:
A Morte: Miss trajada de azul.

BRUMA-HIERÁTICA

Em arcaicos tombos imemoriais
a sina destina-me ao fim
de tudo:

a sangria dos nomes sumidos
nos reflexos inadiáveis
do tempo
relembra-me

que o passado é morte
o infinito fosso
dos tormentos entristecidos:
o negror
no retrocesso do umbrático olhar

Porque
o antanho está morto
no templo obscuro das vidas
tragado
na ventania
das turbulentas horas
relicas
de amor profuso
em negritude
e em pretérito
esquecido

AOS OLHOS DA SIBILA

Minha alma está escura
entre a sibilina Vida
o inenarrável Amor
e a assombrosa Morte

Como carregar o peso
do misterioso fardo
sob o meu coração
repleto e imorredouro?

Minha alma é escura
nebulosa e inefável
e de cenho tristonho

Que outro retrato nefasto
foge
sob as sombras
e as nuvens da Morte?

Que outro caminho
não será o terrível?
Aos olhos de Rilke?
Ao lírico cântico da sibila?

Meu coração reverte-se cheio
avassalado de Amor...

Não tenho o imenso sonho
petrificado!

Detenho dores
infinitas e seculares
que atravessam
o meu interior
amargo e nevoento

Meu corpo tem negror
na grande noite
do silêncio demiurgo

Minha alma é a vertigem
arrastada pelas luzes do tempo
veloz e veloz e veloz
no dorso de um anjo
sem mosaicos floridos
e em eternal brancura

Sou o pássaro
que reluta
para não voar
neste horizonte
medonho da dor

O SUSTO

Não havia a face da morte
até o coração sangrar
na tarde vazia

Eu desconhecia
a face da morte
até a ceifeira vir
sem rumo
pela tarde vazia

Não havia a face da morte
o esqueleto da vida
transposto
ao sofrido
logro
dos dias

Eu não conhecia a face da morte
nos raios obscuros de Deus!

Não havia outra face
somente a sombra da morte
e o meu inglorioso disfarce

Não tenho conhecimento
da outra face da morte:

o paraíso
e o reflexo
e as estrelas
e o delírio

De tantas mortes
minh'alma
não tem faces

a pedante morte
a própria morte
sem face

Essa face da morte
que aprendi
no susto
que ia à tarde
(sem esperar)
eu vi sim
a face da morte
em meu coração
resfriado de amor
inabalado

Vi a face da morte
na via crua
dos sonhos
que são alertas
são agouros
do profeta
na face
noturna
da morte

Senti
a face
da morte
e ainda dói
a face da morte
acesa
em minhas mãos
de poeta malsinado

Não havia a face da morte
só o ruído do choro contido!

De tudo
(agora sei)
que a morte
é uma saudade
de face distorcida:

o grito interior
ao sumiço
perpétuo...

É face da morte
ser o espelho do perdido

(Ressaca de Carnaval - 07/03/2014)

MÚSICA DA AGONIA

A voz calou-se
dentro das essências
ruidosas

Destemido,
o anjo insiste
em extasiar-se
no subterrâneo
da alma

Na escuridão,
o corpo cego caminha
no descompasso
dos sonhos
extintos

Vagar
é uma errância
inesperada

O Amor,
a instantaneidade
no calabouço
dos tempos idos

Todos os olhos estão esquecidos
nos vícios
redimidos do desejo

Passar é um destino
rarefeito
a aplacar verdades
inabaláveis
 afeitas ao sofrimento
 ao vasto silêncio
 do meu desespero
 inaudível

A voz calou-se
novamente
no desatino
das coisas
supremas

Sou música devastada
em ronda inefável
em viagem secreta
por horizontes vários

Estou d'alma triste
na agonia
dos céus amplos
sem ecos solares

PREDICATIVO DOS DEUSES

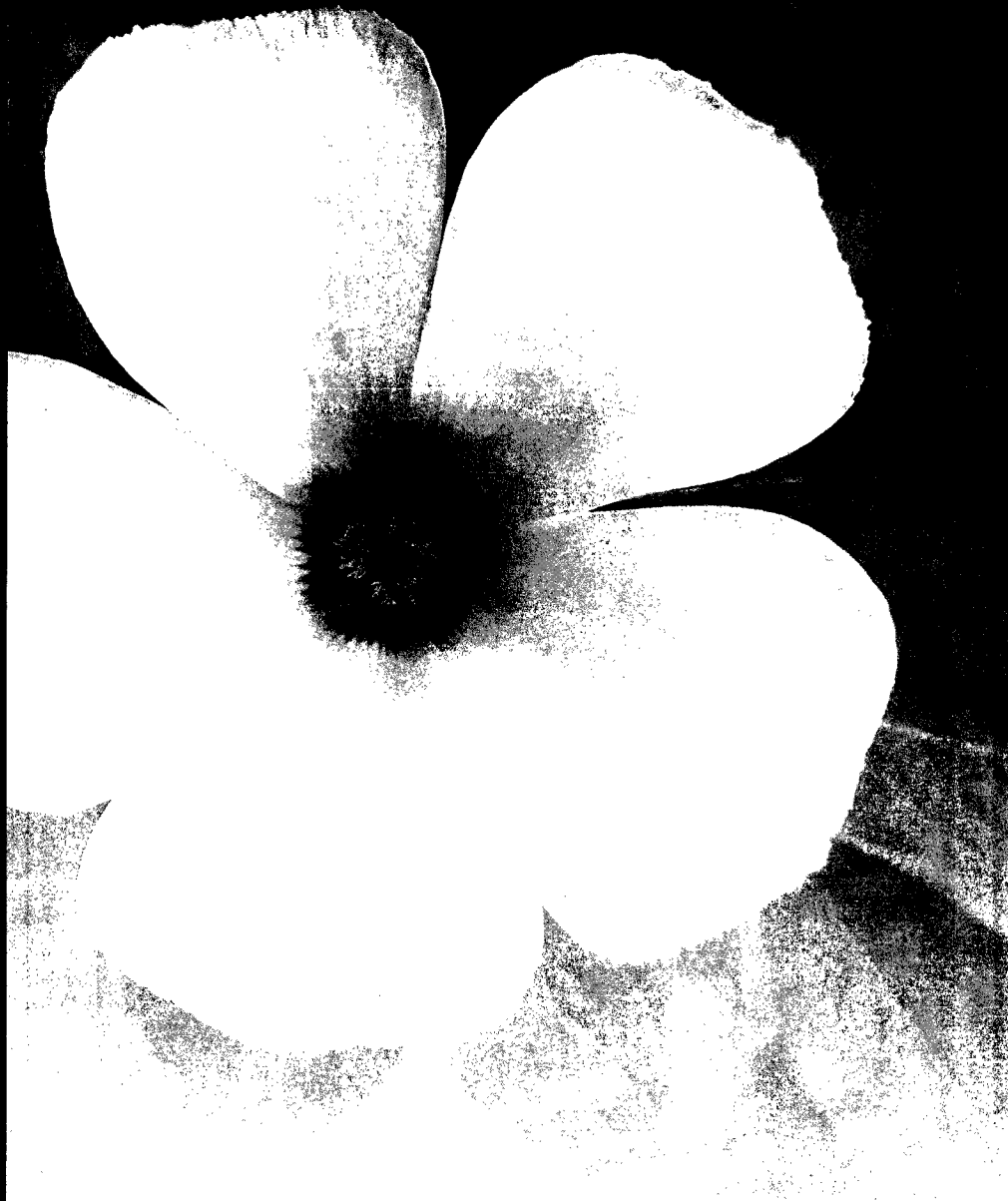
A memória é uma viagem
e ninguém se opõe ao destino
predicado pelos deuses
da devastação

Partir é desarmar a navalha
do tempo destrutivo
que os antepassados ventilavam:

*“Sempre fugir
e não revolver
para morada alguma”*

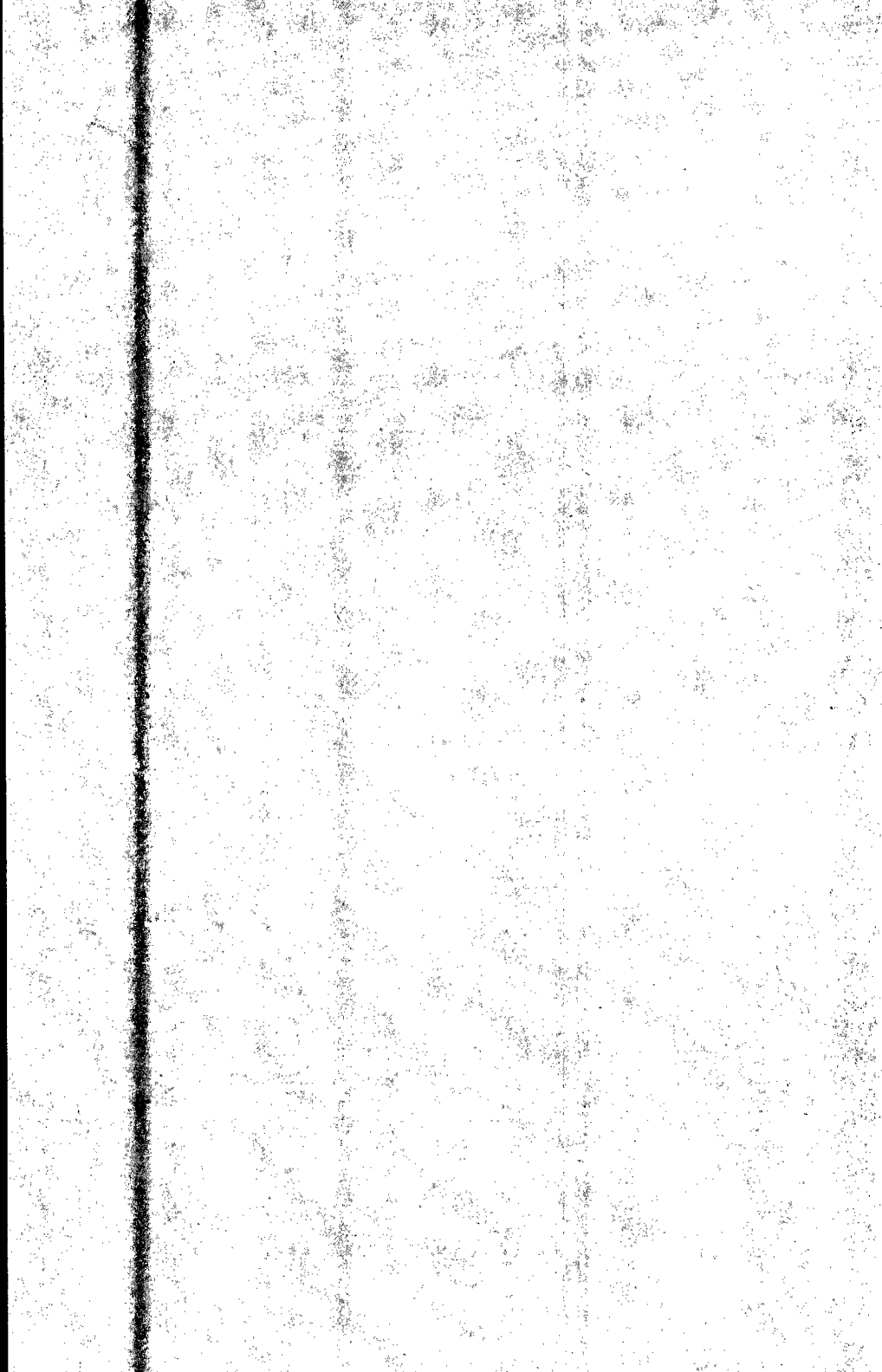
E todos os ventos marejam:

*“O destino é um selo
eterno de viagem
em viagem desatinada
na velocidade do coração
entristecido”*



POSFÁCIO

De Maria de Lourdes Hortas



O jovem poeta piauiense Diego Mendes Sousa (1989-), estreou no mundo literário brasileiro em plena adolescência: tinha apenas 16 anos de idade quando publicou “Divagações” (2006). Desde então vem escrevendo freneticamente, já agora com uma dezena de livros escritos, incluindo este “Gravidade das Xananas”, e mais um na gaveta, “Tinteiros da Casa e do Coração Desertos”, que publicará em breve.

No longo poema “Alma Litorânea”, Diego Mendes Sousa se define como um *poeta atmosférico e intensamente marítimo*. Manuel Bandeira teve a sua Pasárgada. O poeta da Parnaíba tem Altaíba, lugar secreto, universo lírico onde pode ser, conforme confessa no poema citado, *muitos, vários e múltiplos* – multiplicidade que se comprova em “Gravidade das Xananas”.

Num dos poemas deste livro, ele nos diz:

*Detenho dores
infinitas e seculares
que atravessam
o meu interior
(...) Minha alma é a vertigem
arrastada pelas luzes do tempo (...)*

Entrando em contato com forças arquetípicas e mitológicas, oniricamente, entre o sono e a insônia, Diego Mendes Sousa, na sua *gravidade* de poeta atemporal, generosamente colhe *xananas* que oferece aos poetas da sua admiração, habitantes do mesmo universo lírico onde se distende, em sintonia e afinidade.

Nas várias épocas da cultura universal, muitos tentaram conceituar a poesia, procurando encontrar os seus limites dentro da escrita literária. Os gregos, por exemplo, já a discutiam, e o grande filósofo Aristóteles não deixou de se preocupar com o assunto, concluindo que *“não é ofício do poeta narrar o que realmente acontece; e sim representar o que poderia acontecer”*.

Seguindo o conceito aristotélico, Diego Mendes Sousa, mediunicamente, penetra no avesso das aparências, para se aperceber dos sentimentos atemporais que representam o acúmulo da vivência humana. Introspectivo, ao escrever é que se liberta, saindo dos parâmetros da linearidade e mergulhando no tempo sem relógios, lugar de invenções e fantasia.

Percorrendo as páginas deste livro, constataremos que o seu autor, não obstante a sua juventude, é dono de uma bagagem cultural invejável, por certo decorrente das suas leituras. No seu trabalho não só expõe as matrizes da sua poesia, como, por vezes, as aponta, em cada poeta que nomeia. Quanto à sua temática, são todos os sentimentos e estágios que constituem a essência do ser: a tristeza, a felicidade, a miséria, a fortuna, a velhice, a juventude, a vida, a morte, a melancolia, a dor, o amor – enfim, matizes controversos, frágeis como as flores que se pisam nas areias da vida.

A linguagem nascente de Diego Mendes Sousa flui como um rio, que nos transporta a uma viagem sideral. Com ele experimentamos a aventura de estar no mundo e a multiplicidade de nos fazermos inteiros.

Maria de Lourdes Hortas,
poeta portuguesa.

Editora

www.editorapenalux.com.br

Contato do autor:

Facebook: [/profile.php?id=100006035538023](https://www.facebook.com/profile.php?id=100006035538023)

E-mail: diego_mendes_sousa@hotmail.com

Tel: (86) 99451-5454

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em janeiro de 2019.

Já na segunda parte "*Messes selvagens da flor*", Diego Mendes Sousa mantém o mesmo patamar poético, mostrando poemas soltos, sem um eixo temático que não o prejudica em nada. Ao contrário, dá-lhe sobrevida por mostrar ao leitor a capacidade criativa do poeta que se supera porque sabe que "*(...) ser pássaro / é ser poeta – viajor da geografia*".

Luiz Otávio Oliani,
poeta carioca.



DIEGO MENDES SOUSA (Parnaíba/PI, 15 de julho de 1989) é escritor, jornalista, advogado, indigenista, ambientalista e ativista cultural. Membro do PEN Clube do Brasil e detentor do Prêmio Castro Alves da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro (UBE-RJ), 2013, pelo conjunto da obra. Publicou *50 Poemas Escolhidos pelo Autor* (Edições Galo Branco, 2010), dentre outros títulos. Seus poemas foram traduzidos para o inglês, o espanhol, o francês e o grego.

QUERIDO FILHO NA PALAVRA, DIEGO MENDES SOUSA:

Na verdade, só tenho, entre tantas dúvidas, uma certeza, a de que se o poema voa, voam juntas as suas palavras.

A poesia de Diego Mendes Sousa é hélice pesada porque durável. Deve pesar para achar fundura. O demasiado leve se esboroa no ar. Não há poesia popular, há ou não poesia que resiste. Ezra Pound diz que as palavras funcionam ou não. Os poemas de Diego Mendes Sousa são belos, instigadores, com imagens que tocam. Com voz própria, o que é difícil, livre, portanto, de qualquer sujeição.

Diego Mendes Sousa cuida de sua poesia crescentemente bela e original.

Carlos Nejar, poeta gaúcho,
da Academia Brasileira de Letras (ABL).



www.penaflex.com.br